

série  
assistente social no combate ao  
**preconceito**

machismo



série  
assistente social no combate ao  
**preconceito**

**machismo**

série  
**assistente social no combate ao**  
**preconceito**

**caderno 6 ///**



**Elaboração do texto**

Emilly Marques Tenorio

**Organização e edição de conteúdo**

*Comissão de Ética e Direitos Humanos CFESS*

Daniela Möller (coordenadora),  
Jane Nagaoka, Josiane Soares,  
Mauricleia Santos, Solange Moreira,  
Nazarela Guimarães e Adriane Tomazelli  
(assessora especial)

**Revisão**

*Assessoria de Comunicação CFESS*  
Diogo Adjuto e Rafael Werkema

**Projeto gráfico, diagramação e capa**

Rafael Werkema

**Brasília (DF), 2019**

**ISBN: 978-85-99447-34-5**

---

**Conselho Federal de Serviço Social - CFESS**

*Gestão É de batalhas que se vive a vida (2017-2020)*

**COMPOSIÇÃO**

**Presidente**

Josiane Soares Santos (SE)

**Vice-presidente**

Daniela Neves (RN)

**1ª Secretária**

Tânia Maria Ramos de Godoi Diniz (SP)

**2ª Secretária**

Daniela Möller (PR)

**1ª Tesoureira**

Cheila Queiroz (BA)

**2ª Tesoureira**

Elaine Pelaez (RJ)

**Conselho Fiscal**

Nazarela Silva do Rêgo Guimarães (BA),  
Francieli Piva Borsato (MS) e  
Mariana Furtado Arantes (MG)

**Suplentes**

Solange da Silva Moreira (RJ)  
Daniela Ribeiro Castilho (PA)  
Régia Prado (CE)  
Magali Régis Franz (SC)  
Lylia Rojas (AL)  
Mauricleia Santos (SP)  
Joseane Couri (DF)  
Neimy Batista da Silva (GO)  
Jane Nagaoka (AM)



SHS Quadra 6 - Bloco E

Complexo Brasil 21 - 20º Andar - Sala 2001

CEP: 70322-915 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3223-1652 | e-mail: cfess@cfess.org.br

Site: www.cfess.org.br



# SUMÁRIO

Apresentação.....	5
“O machismo deles de cada dia”: vamos conversar sobre machismo? .....	7
“Machista, eu?” ou “Não sou machista, mas...” .....	10
O fundamento do machismo: o patriarcado .....	11
Machismo e cotidiano .....	13
“Por mim, por nós e pelas outras”: feminismo não é o contrário de machismo .....	16
“A violência contra a mulher não é o mundo que a gente quer”: Por que o machismo é assunto para o Serviço Social? .....	17
Sugestões de sites, músicas, poesias e filmes .....	21
Referências bibliográficas .....	23



# APRESENTAÇÃO

Reafirmando o compromisso da categoria de assistentes sociais em defesa dos direitos humanos, a gestão *É de batalhas que se vive a vida!* (triênio 2017/2020), do Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), dá continuidade à série de cadernos **Assistente Social no combate ao preconceito**. O projeto, lançado em 2016 pela gestão *Tecendo na luta a manhã desejada* (triênio 2017/2020), se tornou referência para o debate dentro do Serviço Social sobre o preconceito e suas expressões.

Os textos têm como objetivo orientar e estimular os/as assistentes sociais a uma compreensão crítica das variadas situações de preconceito enfrentadas nos encaminhamentos cotidianos do exercício profissional – algumas ocasionais e outras afirmadas em aspectos sociais e culturais que afetam os sujeitos envolvidos.

No formato, em função da linguagem direta, os cadernos da série propõem-se a dialogar com os/as profissionais, problematizando o preconceito, suas origens e fundamentos históricos. A ideia é provocar a reflexão e contribuir para as estratégias efetivas de enfrentamento da reprodução do preconceito, chamando a categoria à responsabilidade ética na defesa do projeto ético-político.

O preconceito é expressão das relações conservadoras da sociabilidade burguesa e de seu individualismo, que, por sua vez, remete à exploração, cada vez mais bárbara, do trabalho pelo capital. A banalização destes fundamentos representa um desvalor, que emerge nas mais diferentes formas da vida cotidiana, e o desafio do seu enfrentamento deve provocar, na categoria de assistentes sociais, processos de autorreflexão, com vistas a uma intervenção profissional marcada por ações emancipatórias, na perspectiva de outra ordem societária.

Em tempos de fortalecimento do conservadorismo, de violação dos direitos e de criminalização da pobreza, a série **Assistente Social no combate ao preconceito** fortalece a dimensão política da profissão, respaldada pelos princípios éticos de um Serviço Social que não discrimina “por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade,

orientação sexual, identidade de Gênero, idade e condição física”, como aponta nosso Código de Ética Profissional.

A abordagem dos cadernos da série sobre as inúmeras formas de preconceitos nos mostra não só as diversas práticas de discriminação contra formas de vida e modos de comportamento, mas também que os diferentes preconceitos – sejam contra as mulheres, a população negra, LGBT entre outras – partem de uma mesma atitude, de um mesmo comportamento e forma de pensar.

É nesse sentido que a série **Assistente Social no combate ao preconceito** aqui apresentada pretende dar suporte aos/às assistentes sociais, para que se mantenham permanentemente vigilantes em seus posicionamentos éticos e políticos, de modo a transformá-los em ações que combatam as diversas manifestações do preconceito, refletidas no moralismo exacerbado e no controle de corpos e mentes, tão presente nas dinâmicas socioinstitucionais.

Boa leitura!

**Conselho Federal de Serviço Social (CFESS)**

# “O machismo deles de cada dia:” Vamos conversar sobre machismo?

A série *Assistentes sociais no combate ao preconceito* é uma iniciativa que nos auxilia a perceber as expressões das opressões em nosso dia a dia. No volume 1, Barroco (2016, p. 20) nos ensina que “o sistema de preconceitos exerce uma função social de controle e dominação”. Dessa forma, diversas pessoas são atingidas por ele. Neste caderno, abordaremos o **machismo** e sua relação com o exercício profissional.

O machismo é o preconceito que exerce uma função social de dominação **dos homens sobre as mulheres**, inferiorizando-as com a finalidade de controlar comportamentos e subjugar sua existência, para que a apropriação do tempo, do corpo e do trabalho delas seja mais eficaz e lucrativa nessa sociedade.

Funda-se em relações sociais **estruturais** de opressão-exploração-dominação que organizam a sociedade. Porém, apesar do caráter estrutural dessas relações, nós, mulheres e homens, temos responsabilidades, em nosso cotidiano, de identificar o machismo e permanentemente questioná-lo e desconstruí-lo.

Dessa forma, trabalharemos diferentes expressões do machismo e os fundamentos de sua existência, com vistas a desmistificar algumas “verdades” difundidas pelo senso comum. Destacamos a funcionalidade histórica da desvalorização social da mulher, que tenta naturalizar essa posição subalternizada.

Nesse volume, abordaremos como o machismo está presente nas relações íntimas, no âmbito privado, e também nos espaços públicos e nas relações de trabalho, já que, na perspectiva da totalidade, esses espaços se correlacionam e se reproduzem na mesma lógica em nossa sociedade patriarcal, racista e capitalista.

Comumente, associamos o machismo às situações de violência doméstica, mas será que conseguimos perceber o quanto *todas* as mulheres são atingidas por ele, *de formas diferenciadas*, no cotidiano?



“O machismo deles de cada dia” pode se apresentar de muitas formas: sob aparência de piadas, com a “falsa capa” de romantismo, preocupação e proteção, ou “apenas” uma atitude grosseira. Qual mulher não ouviu: “Você está exagerando!”, “Não podemos mais brincar, esse mundo está chato”, “Eu só sugeri isso porque quero te proteger”, “Você está louca”, “Você é muito sensível” ou em algum processo seletivo: “Você não vai engravidar, né?”, dentre outras frases comuns.

No âmbito da família e das relações domésticas, a violência machista é corriqueira. Não é por acaso que possuímos uma legislação específica para tais questões. A principal lei brasileira que tipifica e aborda mecanismos de prevenção e enfrentamento à violência e assistência às mulheres é a Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha).

Tal legislação classifica as violências contra as mulheres, nesse âmbito da família e das relações interpessoais de afeto, em: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Essas diferentes formas de violência não ocorrem de forma isolada e devem ser abordadas considerando os determinantes históricos, sociais e materiais que constituem o patriarcado, assim como as particularidades da vida de cada mulher e de seus vínculos familiares, sociais e comunitários (TENORIO, 2018). Para além dessa esfera da violência, temos muitas outras nas quais o machismo também se apresenta, como as violências institucionais, sendo a violência obstétrica<sup>1</sup> – principalmente em relação às mulheres negras -, uma das mais expressivas<sup>2</sup>.

Porém o machismo pode se apresentar em outras relações interpessoais e também em nossas relações profissionais e de trabalho, por vezes de formas mais sutis, naturalizadas e despercebidas. Destacamos que estas são análises necessárias para o Serviço Social, que é uma profissão majoritariamente composta por mulheres.

Importante lembrar que o machismo se expressará diferentemente, a depender tanto do *sujeito que comete ações machistas*, podendo ter expressões

1 Recentemente, em maio de 2019, o debate acerca da violência obstétrica ganhou novamente destaque, diante da manifestação do Ministério da Saúde (MS), que considerou o uso do termo impróprio. O Ministério Público Federal de São Paulo elaborou a Recomendação nº 29/2019, explicitando que, ao negar o termo “violência obstétrica” e pregar a “abolição de seu uso”, o MS desconsidera as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre o tema, no documento “Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde” e nega a existência efetiva da violência sofrida por milhares de mulheres no Brasil e no mundo”. Para acessar a recomendação: [http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao\\_ms\\_violencia\\_obstetrica.pdf](http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/docs/recomendacao_ms_violencia_obstetrica.pdf).

2 No Brasil, uma a cada quatro brasileiras sofreram esse tipo de violência, de acordo com a pesquisa “Mulheres nos espaços público e privado brasileiros”, da Fundação Perseu Abramo. A Associação Artemis reúne relatos e artigos científicos sobre o tema: <https://www.artemis.org.br/violencia-obstetrica>. As denúncias podem ser feitas tanto na Central 180 (violência contra a mulher) quanto no Disque-Saúde (136).

mais sutis ou explícitas, quanto das *mulheres que são impactadas pelas ações*, considerando a diversidade das mulheres:

- quanto à raça/etnia, identidade, orientação sexual, tipo físico, geração, religião (ou ausência dela) e territórios;
- em relação às inserções profissionais, principalmente em espaços hegemonicamente ocupados por homens;
- quanto aos comportamentos que desafiam as expectativas sociais no que se refere à ideia de “feminilidade” (modos de vestir, maneiras de falar...).

Dessa forma, o machismo é um preconceito que estará imbricado em muitas outras expressões violentas, como o racismo, a gordofobia, a LGBTfobia, ao capacitismo (relacionado ao preconceito contra pessoas com deficiência) e etarismo (relacionado ao preconceito geracional). Ou seja, questões inerentes à diversidade humana, que se materializam em desigualdades na sociedade capitalista em que vivemos, na qual a exploração do trabalho e o sistema de dominação e opressão, que é inerente, estruturam as relações sociais nas suas múltiplas dimensões.

Em nossa perspectiva de análise, todas as relações sociais têm o trabalho como dimensão fundante e, conforme apontam Cisne e Santos (2018, p. 35):

As relações sociais são perpassadas pela apropriação do trabalho de um grupo ou classe sobre outro. São essas relações sociais, mediadas por antagonismos e hierarquias, que processam a produção e a reprodução sociais, permeadas pela exploração da força de trabalho e pelas opressões a elas vinculadas.

***O machismo, apesar de aparecer em atitudes, em ações individuais, possui bases materiais e ideológicas, para perpetuar um sistema histórico, político, social e econômico de dominação: o patriarcado. Em resumo, o machismo é, essencialmente, uma expressão do patriarcado que se materializa nas relações interpessoais, para perpetuar relações de dominação e poder via inferiorização, submissão e apropriação das mulheres.***

Percebemos que as mulheres são inseridas em postos de trabalho socialmente mais desvalorizados, recebem menor salário para as mesmas funções e possuem parcela de seu trabalho não remunerado: o trabalho vinculado à reprodução social de sua família, popularmente conhecido como trabalho doméstico<sup>3</sup>. Toda essa desvalorização, sobrecarga física e emocional e falta de reconhecimento, não acontece por acaso. Ela é totalmente funcional em uma sociedade dividida em classes sociais e estruturalmente desigual. Aprofundaremos esses elementos mais adiante.

Por enquanto, é importante compreender que o machismo, apesar de aparecer em atitudes, em ações individuais, possui bases materiais e ideológicas, para perpetuar um sistema histórico, político, social e econômico de dominação: o **patriarcado**. Em resumo, o machismo é, essencialmente, uma *expressão do patriarcado* que se materializa nas relações interpessoais, para perpetuar relações de dominação e poder via *inferiorização, submissão e apropriação das mulheres*.

## “MACHISTA, EU?” OU “NÃO SOU MACHISTA, MAS...”

Em uma sociedade patriarcal, tanto homens quanto mulheres são socializados/as com aprendizados que os/as diferenciam socialmente em grupos sexuais<sup>4</sup> com papéis e atitudes naturalizados como femininos ou masculinos. Porém ninguém gosta de ouvir que é machista ou que teve uma atitude machista. Muitas vezes, tal apontamento é tratado como um exagero: “mimimi”<sup>5</sup> de feministas “sem humor” ou “mal-amadas”.

Historicamente, fazemos analogias que azul “é de menino” e rosa “é de menina”<sup>6</sup>. Menina brinca de casinha e boneca, menino de bola e carri-

3 Aqui nos referimos ao trabalho doméstico não remunerado, vinculado aos cuidados com a casa e com as pessoas, como a alimentação, o vestuário, a limpeza dos ambientes. Um trabalho desgastante, repetitivo e invisibilizado. A profissão remunerada de trabalhadores/as domésticas/os geralmente também é ocupada por mulheres, especialmente as mulheres negras, e, muitas vezes, sem vínculo empregatício formal ou demais direitos trabalhistas assegurados.

4 Por isso, consideramos que o sexo não se restringe ao biológico, mas às construções sociais que definem o que se vincula ao feminino e ao masculino. Concordamos com as reflexões de Ferreira (2018) em utilizar as categorias homens/mulheres ou grupos sociais sexuais.

5 Forma pejorativa utilizada para menosprezar as denúncias das violências estruturais denunciadas principalmente por militantes e movimentos sociais, tratando-as como exagero ou “invenção”.

6 “Elas são socializadas para desenvolver comportamentos doces, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem” (SAFFIOTI, 2004, p. 35). Esses são alguns elementos para pensarmos os fundamentos da violência doméstica e familiar contra a mulher, na qual majoritariamente os homens são os perpetradores. A violência contra a mulher, portanto, é um fenômeno multifacetado, naturalizado e legitimado pelo Patriarcado e instituições como a Família, a Escola, a Igreja e o Direito.

no. Meninas são dóceis e sensíveis, meninos são corajosos e valentes. A naturalização de divisões sexuais de roupas, brinquedos e subjetividades é fundamenta em uma socialização, voltada para a divisão sexual do trabalho, da ocupação dos espaços público-privados e dos comportamentos socialmente desejáveis por esse sistema exploratório e opressor. Subverter tais costumes e convenções, em nossa sociedade patriarcal e heterossexista<sup>7</sup>, coloca em “risco” e “bagunça” as funções sociais que seriam “naturalmente” destinadas a cada pessoa, de acordo com o sexo *atribuído* em seu nascimento:

O patriarcado, embora atinja de forma estrutural a sociedade, dirige suas implicações centralmente às mulheres; há contudo, outros sujeitos que ao transgredirem o “modelo” patriarcal do “macho” também sofrem sua opressão. Todos eles, porém, são associados pejorativamente ao sexo feminino. Assim, ainda que atinja outros sujeitos, a lógica que estrutura o patriarcado é de privilégio e dominação masculinos relacionados à subalternização e inferiorização das mulheres e do que é associado ou considerado e identificado como feminino [...] (CISNE; SANTOS, 2018, p. 43)

Diante desses elementos, percebemos que, se o machismo é a desvalorização social da mulher, ele indica a supremacia de outro grupo sexuado: o dos homens. Dessa forma, quando percebemos atitudes de mulheres, que consideramos “machistas”, indicamos que ela está reproduzindo o machismo, já que não há vantagem social para si ou para o grupo social do qual faz parte; pelo contrário, fortalece a dominação e os privilégios masculinos.

## O FUNDAMENTO DO MACHISMO: O PATRIARCADO

*“Todas as formas de violência contra a mulher, como a ocorrida em relações interpessoais ou em relações sociais coletivas, encontram uma determinação comum: o patriarcado” (CISNE; SANTOS, 2018, p. 74)*

Mulheres são submetidas a diferentes violências, que qualificamos como fruto do machismo. Conforme conversamos até aqui, é necessário para nós, assistentes sociais, compreender que o fundamento dessas ações está no **Patriarcado**. De acordo com Christine Delphy, a palavra “Patriarcado”

<sup>7</sup> Os incômodos e preocupações com o que é diferente do normatizado está atrelado a outros preconceitos que também foram abordados na presente série.

vem da combinação das palavras gregas pater (pai) e arkhe (origem e comando), ou seja, literalmente significaria “autoridade do pai”:

O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder, ou ainda, mais simplesmente, o poder é dos homens. Ele é, assim, quase sinônimo de “dominação masculina” ou de opressão das mulheres (DELPHY, 2009, p.173)

Algumas análises, das quais discordamos, consideram o machismo como algo *somente* cultural; ouvimos muito sobre “cultura machista” ou “cultura sexista”. Em nossa perspectiva, materialista histórica dialética, a cultura é uma das mediações necessárias para a reprodução do patriarcado e do machismo, mas se erige sobre fundamentos econômicos de apropriação das mulheres em sua totalidade: seu corpo, sua sexualidade, seu tempo e sua força de trabalho. Por isso, embora o patriarcado seja anterior à formação capitalista, sua funcionalidade a ela é inegável, sendo pressuposto, assim como o racismo, ao aprofundamento da exploração.

Portanto, ao falarmos sobre patriarcado, precisamos compreender como ele se materializa. Em nossa perspectiva de análise, é a partir da divisão sexual do trabalho que podemos identificar a articulação entre patriarcado e capitalismo, e como um retroalimenta o outro.

***O machismo possui fundamentos materiais, não sendo uma questão somente cultural. Também é fruto de socialização, costumes, e se erige fundamentado na exploração do trabalho das mulheres, seja o remunerado, seja o não pago. Principalmente o trabalho reprodutivo, doméstico, de cuidados, considerado como “dom” natural e função feminina.***

A divisão sexual do trabalho é a forma de organização social das relações de trabalho entre homens e mulheres, tanto o trabalho produtivo, quanto o trabalho reprodutivo, este último só considerado como trabalho com a contribuição das análises feministas.

Segundo Hirata e Kergoat (2007), essa divisão é funcional ao modo de produção capitalista e se organiza pela separação entre trabalhos tipicamente masculinos ou femininos e pela hierarquização do primeiro em relação ao segundo, pois o que



é considerado masculino é tido como superior. As autoras chamam a atenção para o discurso tradicional funcionalista que, ao defender a complementariedade de papéis na garantia da “harmonia familiar” e da “coesão social”, reforçam a permanência dessa divisão e da exploração do trabalho, principalmente, das mulheres. Não é por acaso que esse é o referencial do Serviço Social conservador.

O machismo se expressa, como sinalizado, tanto na reprodução, quanto na produção social. Possui fundamentos materiais, não sendo uma questão somente cultural, como abordado por muitos/as. Também é fruto de socialização, costumes, e se erige fundamentado na exploração do trabalho das mulheres, seja o remunerado, seja o não pago. Principalmente o trabalho reprodutivo, doméstico, de cuidados, considerado como “dom” natural e função feminina<sup>8</sup>.

É necessário estarmos atentas/os a essas explicações, para fugirmos do determinismo biológico/essencialismo, o qual afirma que mulheres possuem determinadas habilidades e capacidades vinculadas ao seu sexo, que as colocam em funções consideradas naturais, vinculadas ao cuidado do outro, de que possuem uma “essência feminina”, um “instinto maternal”, maior sensibilidade, dentre outras premissas. Por outro lado, não podemos recair em reducionismo econômico, e considerar tão somente o trabalho produtivo como elemento de exploração das mulheres. As mulheres não têm apenas sua força de trabalho explorada, mas passam por um processo de apropriação do seu corpo todo, de seu tempo, de seus desejos, e isso se expressa de diferentes modos no cotidiano.

## MACHISMO E COTIDIANO

Como vimos até aqui, o machismo traz em seu bojo atitudes que remetem à **desvalorização social da mulher** e está tão imbricado em nosso cotidiano que, por vezes, nem percebemos ou minimizamos como ele atinge as mulheres e reforça o sistema de opressão-exploração.

No volume 1 desta coleção, aprendemos como os preconceitos aparecem

---

<sup>8</sup> De acordo com o IBGE, em 2018, as mulheres dedicaram, em média, 21,3 horas por semana com afazeres domésticos e cuidado de pessoas, o dobro do realizado pelos homens. A pesquisa pode ser acessada no suplemento “Outras Formas de Trabalho” da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, divulgada em 26/4/2019 pelo IBGE.

no cotidiano e que uma de suas características é a ultrageneralização (BARROCO, 2016). No caso do machismo, há uma uniformização do que, supostamente, seria “ser mulher” ou “ser feminina”, reproduzindo estereótipos como: “mulher que é mulher usa cabelo longo”, “toda mulher quer ser mãe”, “toda mulher é sensível”, “toda mulher quer um homem para amá-la e protegê-la”, “não sou feminista, sou feminina”, dentre outras frases. Temos ainda diversos exemplos de práticas machistas que presenciemos, reproduzimos/praticamos ou sofremos em diferentes espaços. Citaremos algumas expressões corriqueiras:

- 1) **Desqualificação do pensamento:** tal ação acontece, por exemplo, em nossas falas públicas, quando consideram que as mulheres não estão “se fazendo entender”, “não estão explicando direito”, estão sendo “confusas” ou “imprecisas”. Aí os homens sentem-se no direito de explicar, para que todas as pessoas “compreendam” o que está sendo dito. Essa prática, comumente é introduzida com falas tais como: “Acho que foi isso que você quis dizer”, “Deixa eu tentar explicar/resumir o que você está falando para todo mundo entender”. Internacionalmente, termo que vem sendo difundido como “*mansplaining*” (*união* de *man* -homem e *explaining* - explicar);
- 2) **Apropriação da ideia:** quantas vezes damos sugestões, ideias e não somos valorizadas e, quando um homem fala o mesmo conteúdo, recebe os créditos e todos/as acham uma excelente proposta? Esse é um prático exemplo da desvalorização das mulheres, que ocorre muito em nossos espaços de trabalho e, principalmente, de estudos. Em inglês, o termo usado é *bropropriating* (junção de *bro* abreviando *brother*, irmão, e *appropriating*, apropriação);
- 3) **Interrupção da fala:** já pararam para perceber que, quando uma mulher está falando, ela é várias vezes interrompida? Como não consegue concluir uma frase em uma reunião, por exemplo? Tal ação desqualifica e atrapalha a defesa das opiniões e posições das mulheres, o que facilita as duas atitudes citadas anteriormente (desqualificação do pensamento e apropriação da ideia). No movimento feminista, essa atitude foi chamada de *maninterrupting* (homens interrompendo);
- 4) **Assédios:** assédios são constrangimentos, importunamento e exposição a situações vexatórias, geralmente com a característica de constância e repetição. As mulheres percebem como tais atitudes são constantes nos espaços públicos (ruas, transportes coletivos, etc.),

algumas vezes sob a aparência de elogios ou “cantadas”, afinal: “quem não gosta de ser elogiada?”. Muitas vezes, quando denunciados ou repreendidos, os questionamentos voltam-se para o comportamento da pessoa assediada: “Se não gosta de cantadas, porque usou essa roupa?”. Os assédios também acontecem nos espaços de trabalho, de forma mais ou menos velada. Diniz (2014) debruça-se sobre o assédio moral e sexual na esfera do trabalho, chamando a atenção para como os mecanismos de denúncia ficam mais desprotegidos frente à flexibilização/destruição dos direitos trabalhistas. Identifica que tais assédios podem ocorrer entre cargos hierarquicamente diferentes ou não, sendo uma expressão da violência sexista;

*Algumas expressões corriqueiras do machismo: desqualificação do pensamento; apropriação da ideia; interrupção da fala; assédios; objetificação; ‘hipersexualização’ da mulher negra; padronização estética; violência econômica.*

- 5) **Objetificação e ‘hipersexualização’ da mulher negra:** a objetificação das mulheres, um constructo que busca reduzi-las a mero instrumento de realização dos desejos dos homens, é inerente ao patriarcado. Entretanto, conforme explicitamos, todas as mulheres são atingidas pelo machismo, porém de formas diferenciadas. A presente série possui um volume sobre racismo, mas queremos reforçar as especificidades das experiências que as mulheres negras vivenciam em relação ao machismo, que se expressa de forma ainda mais contraditória, à medida que, ao mesmo tempo em que são preteridas nos relacionamentos amorosos, sendo aquelas que mais vivenciam o abandono e a solidão afetiva; são mais ‘hipersexualizadas’, consideradas de forma mais aberta e direta como instrumento de prazer, estigmatizadas como mais “quentes” ou mais fortes para suportar todas as violências e assédios;
- 6) **Padronização estética:** o machismo se expressa ao estabelecer exigências estéticas que definem o que seria belo, baseado em um modelo de feminilidade, em que se impõe às mulheres uma aparência mais vinculada a um padrão de corpo, cabelo e rejuvenescimento que

retroalimentam o consumo exacerbado, sendo lucrativo para o capital. Relaciona-se aos preconceitos vinculados ao racismo, gordofobia e etarismo;

- 7) **Violência econômica:** quando os homens não permitem que as mulheres trabalhem ou que prossigam com seus estudos, para que, sob a aparência de cuidado e proteção, fiquem dependentes de suas condições financeiras. Obviamente, algumas mulheres podem preferir não exercer um trabalho externo, além do trabalho reprodutivo na família, mas muitas vezes tal questão é uma imposição masculina, que tende a isolá-la, para que suas relações fiquem circunscritas ao âmbito privado.

## **“POR MIM, POR NÓS E PELAS OUTRAS”: FEMINISMO NÃO É O CONTRÁRIO DE MACHISMO**

O machismo é um dos preconceitos que têm ganhado maior visibilidade com a crescente identificação de mulheres, inclusive adolescentes e jovens, com o feminismo, apesar de ainda haver muitos mitos, confusões e inverdades em torno dos movimentos feministas. Um deles é que o feminismo seria um “machismo às avessas”, ou seja, a dominação das mulheres sobre os homens. Esse grande equívoco visa a desqualificar a luta feminista e também desincentivar os homens a serem aliados dessa causa.

Na realidade, apontamos como o feminismo é fundamental, inclusive para os homens que, apesar dos privilégios que possuem com o patriarcado, também reproduzem comportamentos moldados e considerados socialmente aceitáveis, ou seja, a masculinidade construída pelo sistema patriarcal também limita sua existência e, por vezes, os desumaniza.

Apesar de tantas resistências históricas, conquistas e lutas, vemos também crescer sua permissividade em um cenário conservador, ultraliberal e de falas governamentais declaradamente antifeministas. Em tempos de fortalecimento do conservadorismo, aumentam as tentativas de controle sobre os modos de viver, existir e amar, tanto para mulheres quanto para os homens.

“Feminismo” tem sua origem na palavra francesa “femme”, que significa mulher. O termo é usado, portanto, para abordar a vida das mulheres, compreendê-la e buscar sua emancipação, sua liberdade<sup>9</sup>. O feminismo

9 A liberdade como valor ético central não se refere à liberdade burguesa, à liberdade de mercado, à liberdade individual, e sim à liberdade humana de realização plena das nossas necessidades.

é um movimento social, histórico, político, mas também contribui teoricamente com a análise da realidade, com vistas a transformar a situação social das mulheres.

Geralmente é citado no plural: “feminismos” ou “movimentos feministas”, tendo em vista suas diferentes vertentes, que resultam tanto na explicação teórica que fornecem para a opressão das mulheres, quanto nas suas estratégias de ação e práticas políticas.

Para nós, do Serviço Social, é importante ter como guia neste debate sobre uma práxis feminista emancipatória o mesmo referencial teórico norteador de nosso projeto ético-político: o materialismo histórico dialético, fundado pelo marxismo.

É fundamental analisar o movimento histórico da construção das lutas feministas, que resultaram também em direitos sociais e políticas públicas, totalmente necessárias para o desenvolvimento do trabalho da/o assistente social. Destacamos a importância de assistentes sociais comporem a luta feminista, para, com sua capacidade de indignação e análise da realidade, contribuírem com a organização coletiva para enfrentamento das situações fruto do patriarcado, do racismo e do capitalismo e precisam ser transformadas para alcançarmos uma sociedade livre de qualquer forma de dominação.

## **“A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É O MUNDO QUE A GENTE QUER”: POR QUE O MACHISMO É ASSUNTO PARA O SERVIÇO SOCIAL ?**

Todos os nossos princípios ético-políticos profissionais estão articulados e não hierarquizados. Um deles é o “exercício do Serviço Social sem ser discriminado/a, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, idade e condição física”. Outro é a “opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero”. Esses são destaques que exemplificam a direção social de nossa profissão e o motivo de, em uma perspectiva crítica consonante com o nosso projeto ético-político profissional, compreender os fundamentos do machismo e articular formas coletivas de enfrentá-lo, assim como as demais formas de opressão e exploração.



Para tanto, ressaltamos a relevância de identificar o machismo que se expressa em nossa inserção enquanto trabalhadoras e no atendimento à população usuária. Inicialmente, importante pontuar que o Serviço Social é uma profissão composta majoritariamente por mulheres. É também uma profissão que atende majoritariamente mulheres. Como esse assunto não seria essencial para o Serviço Social? Será que pensamos sobre isso no direcionamento de nossas intervenções profissionais? Nos documentos técnicos que elaboramos? Será que temos reproduzido concepções machistas em nossas análises e orientações, reforçando e naturalizando papéis sociais?

Vamos dividir essa reflexão breve em dois pontos: Serviço Social, uma profissão de mulheres e Serviço Social, uma profissão direcionada às mulheres.

- **Serviço Social, uma profissão de mulheres**

Cisne (2015), ao abordar que o Serviço Social é uma profissão quase exclusivamente ocupada por mulheres, reflete a necessidade de se pensar sobre essa “marca feminina” da profissão na divisão social e sexual do trabalho. Primeiramente, destaca o caráter inicial conservador, fortemente vinculado à igreja e, por vezes, não reconhecido como um trabalho especializado, mas como atividade desenvolvida por atributos “naturalmente” femininos.

Nogueira (2018) aponta que essa marca é um elemento central para pensarmos os traços de subalternidade da profissão. Reforça que as relações patriarcais, tendo como base a divisão sexual do trabalho, influenciam todas as esferas da vida social, desde a escolha da profissão até a própria imagem profissional.

- **Serviço Social, uma profissão direcionada às mulheres:**

O Serviço Social foi criado para intervir nas expressões da questão social de forma moralizante, tendo sido uma profissão ocupada por mulheres que orientavam outras mulheres numa perspectiva responsabilizadora. Mesmo com a intenção de ruptura desse viés profissional, as instituições empregadoras e as políticas públicas ainda possuem uma orientação familista e maternalista dos serviços ofertados.

Como as mulheres são as que, majoritariamente, vão até os serviços e as principais responsáveis pelos cuidados, acabamos por culpabilizá-las quando não cumprem tal tarefa, sem relacionar tudo o que essa mulher

vivencia e enfrenta, geralmente, para reproduzir a si e aos familiares:

“por todas as partes, as mulheres trabalham na sustentação da vida cotidiana, no interior das famílias; e são aquelas que se deslocam, desde muito cedo, para serviços de saúde, levando crianças ou outros/as enfermos/as, assim como são as principais acompanhantes nos hospitais; são também aquelas que compõem majoritariamente as filas de matrícula de filhos e filhas nos serviços educacionais; e, são, ainda, as principais usuárias dos serviços de Assistência Social”. (FERREIRA, 2018, p. 24)

Assistentes sociais, ao exigirem, geralmente de mães e avós, respostas aos comportamentos das crianças e adolescentes, às faltas escolares, em situações de doença, dentre tantas sobrecargas reforçadas profissionalmente, contribuem “para o processo de desresponsabilização do Estado e de responsabilização consequentemente da família, mais precisamente da mulher” (CISNE, 2015, p. 65). Situações desse tipo resultam em uma atuação que reforça o machismo e responsabiliza unilateralmente a mulher, sem questionar a responsabilidade do homem no processo.

Outro exemplo diz respeito aos julgamentos moralistas que realizamos em pautas consideradas “mais polêmicas”, ou quiçá as criminalizadoras, como a questão do aborto. Um preocupante exemplo, que traz graves implicações éticas, é quando o/a profissional se baseia em referenciais religiosos e não atribuições profissionais, pois considera que “devido à sua religião, o aborto não deve ser feito”, pois “é pecado” e isso se reverbera na prática profissional: quebra de sigilo, denúncia da mulher e em nenhum momento considera-se a defesa da autonomia dela nas suas decisões. Ao encarar como “tabu” ou “crime”, a/o profissional não reflete sobre alternativas, não está disposto/a a ouvir essa mulher, apreender suas demandas, suas motivações e, muito menos, a abordar seus direitos sexuais e reprodutivos.

Além desses exemplos, existem muitas outras formas de o machismo se expressar no nosso trabalho profissional, seja no âmbito das regras institucionais ou nas práticas efetuadas pelas equipes com quem trabalhamos. Isso ganha ainda mais relevo em um cenário de ausência/precariedade das políticas e sua substituição pelo aumento da sobrecarga do trabalho feminino.

As expressões da “questão social” se materializam com diferentes elementos vinculados a essa opressão, como: na ausência de reconheci-

***Machismo é assunto para o Serviço Social, e enfrentá-lo deve ser tarefa constante da profissão. Esperamos que reconhecê-lo em nossas práticas profissionais possa contribuir para atuação profissional ética nesse sistema que reforça tantas opressões. O patriarcado, assim como o racismo e o capitalismo, não são o fim da história. Como se intitula uma das obras de Ângela Davis: “A liberdade é uma luta constante” e não é por acaso que seja nosso valor ético central.***

to da paternidade e na quantidade de famílias monoparentais femininas; no “casamento infantil”, exploração e tráfico sexual; em diferentes situações que envolvem as varas de infância e juventude, família e violência doméstica; na resistência em reconhecer a entrega voluntária de recém-nascidos/as para adoção, diferenciando-a de um “abandono”; na ausência de políticas para manutenção da convivência familiar, como falta de instituições de acolhimento para mulheres que possam incluir seus filhos e filhas; desconsideração das necessidades específicas, principalmente de saúde, das mulheres no sistema prisional; culpabilização das mulheres pelo descumprimento de condicionalidades em benefícios socioassistenciais, dentre tantas outras.

Por isso, Machismo é assunto para o Serviço Social, e enfrentá-lo deve ser tarefa constante da profissão. Esperamos que reconhecê-lo em nossas práticas profissionais possa contribuir para atuação profissional ética nesse sistema que reforça tantas opressões. O patriarcado, assim como o racismo e o capitalismo, não são o fim da história. Como se intitula uma das obras de Ângela Davis: “A liberdade é uma luta constante” e não é por acaso que seja nosso valor ético central.

## **SUGESTÕES DE SITES:**

- GELEDÉS Instituto da Mulher Negra: <https://www.geledes.org.br/>
- SOS CORPO – instituto Feminista para a Democracia: <http://soscorpo.org/>
- Instituto Patrícia Galvão: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/>  
Universidade Livre Feminista: <https://feminismo.org.br/>

## **SUGESTÕES DE MÚSICAS:**

- Descontruindo Amélia – Pitty
- Triste, louca ou má - Francisco, El hombre
- Todxs putxs – Ekena
- “Ela encanta” - Marina Peralta
- Maria da Vila Matilde – Elza Soares
- Antiga Poesia – Ellen Oléria

## **SUGESTÕES DE POESIA FEMINISTA:**

- Tudo nela brilha e queima – Ryane Leão
- “Outros jeitos de usar a boca” - Rupi Kaur
- Um útero é do tamanho de um punho – Angélica de Freitas
- Um buraco com meu nome – Jarid Arraes

## SUGESTÕES DE FILMES:

- Vida Maria, 2007, Direção: Marcio Ramos
- Maioria Oprimida, 2010, Direção: Eleanor Pourriat.
- Lute como uma menina, 2016, Direção: Flávio Colombini e Beatriz Alonso
- Estrelas além do Tempo, 2017, Direção: Theodore Melfi
- Câmara de Espelhos, 2017, Direção: Dea Ferraz
- A Esposa, 2018, Direção: Björn Runge
- Chega de fiu-fiu, 2018, Direção: Amanda Kamanchek, Fernanda Frazão
- Absorvendo o tabu, 2018, Direção: Rayka Zehtabchi
- O silêncio dos homens, 2019. Direção: Ian Leite e Luiza de Castro

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, Maria Lúcia S. O que é preconceito? **Série Assistentes Sociais no combate ao preconceito**. Brasília: CFESS, 2016.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

Cisne, Mirla. Divisão sexual do trabalho, feminismo e Serviço Social. In: TEIXEIRA, Marlene; ALVES, Maria Elaene Rodrigues. **Feminismo e Gênero: desafios para o Serviço Social**. Brasília: Abará Editorial, 2015. p. 59- 72.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena et al (orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-179.



DINIZ, Maria Ilidiana. **Mulheres como eu, mulheres como as outras: desvelando o assédio moral e sexual no âmbito do trabalho das comerciárias no estado do Rio Grande do Norte. Tese de doutorado.** UERJ, 2014.

FERREIRA, Verônica Maria. **Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências. Tese de doutorado.** UFPE, 2017.

FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; FALQUET, Jules; ABREU, Maíra. **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas.** Recife: SOS Corpo, 2014

NOGUEIRA, Leonardo. **Relações Patriarcais de gênero e Serviço Social.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

TENORIO, Emilly Marques. **Lei Maria da Penha e Medidas de Proteção: entre a polícia e as políticas.** Campinas: Papel Social, 2018.



série  
assistente social no combate ao  
**preconceito**

caderno 1

O que é preconceito?

caderno 2

O estigma do uso de drogas

caderno 3

Racismo

caderno 4

Transfobia

caderno 5

Xenofobia

caderno 6

Machismo

caderno 7

Discriminação contra a pessoa com deficiência



**CFESS**  
CONSELHO FEDERAL  
DE SERVIÇO SOCIAL

[www.cfess.org.br](http://www.cfess.org.br)

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-99447-34-5



9 788599 447345